

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ MATHEUS COSTA DOS SANTOS  
LUCAS DE ALIRIO COUTO PINHEIRO

**“CONTRIBUIÇÕES LITERATURA ALAGOANA PARA UMA PSICOLOGIA  
ANTIRRACISTA E INTERSECCIONAL A PARTIR DE SUA ABORDAGEM SOBRE  
RAÇA E TERRITORIALIDADE”.**

JOSÉ MATHEUS COSTA DOS SANTOS  
LUCAS DE ALIRIO COUTO PINHEIRO

“CONTRIBUIÇÕES LITERATURA ALAGOANA PARA UMA PSICOLOGIA  
ANTIRRACISTA E INTERSECCIONAL A PARTIR DE SUA ABORDAGEM SOBRE RAÇA  
E TERRITORIALIDADE”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de  
Alagoas, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel com Formação em Psicologia

Orientadora: Simone Maria Hüning

Maceió  
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

JOSÉ MATHEUS COSTA DOS SANTOS E LUCAS ALIRIO DE COUTO PINHEIRO.

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA ALAGOANA PARA UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA E INTERSECCIONAL A PARTIR DE SUA ABORDAGEM SOBRE RAÇA E TERRITORIALIDADE.

**BANCA EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SIMONE MARIA HUNING  
Data: 12/11/2024 16:13:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

ORIENTADORA- SIMONE MARIA HÜNING

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** RICHARD PLACIDO PEREIRA DA SILVA  
Data: 11/11/2024 22:50:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

AVALIADOR/A- RICHARD PLÁCIDO

**APROVADO EM 09/11/2024**

Documento assinado digitalmente  
 SAULO LUDERS FERNANDES  
Data: 23/11/2024 16:10:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes**

Coordenação DE tcc

CONTRIBUIÇÕES LITERATURA ALAGOANA PARA UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA E INTERSECCIONAL A PARTIR DE SUA ABORDAGEM SOBRE RAÇA E TERRITORIALIDADE

CONTRIBUTIONS OF ALAGOAN LITERATURE FOR AN ANTI-RACIST AND INTERSECTIONAL PSYCHOLOGY BASED ON ITS APPROACH TO RACE AND TERRITORIALITY”.

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo analisar a relação interseccional entre raça e territorialidade presentes em obras vencedoras de editais da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (SECULT). A partir disso, buscou-se discutir como o diálogo com a literatura pode contribuir para a produção de uma psicologia antirracista e interseccional. Após o levantamento e leitura das obras vencedoras foram selecionados 2 manifestos do livro “Os Meninos da Parte Alta” (2020) que abordavam as categorias analíticas pesquisadas, a saber, raça e territorialidade. Foram utilizadas questões norteadoras relacionadas aos objetivos do estudo como estratégia analítica. A conclusão é que, na obra analisada, a interseção entre essas duas categorias produz áreas de vulnerabilidade que afetam o acesso a lazer, a espaços e eventos culturais, mas que estes lugares não cessam de produzir arte, uma juventude intelectualizada e felicidade. A territorialidade, neste sentido, é articulada pela crítica à organização espacial de Maceió, envolvendo uma juventude pulsante e áreas de vulnerabilidade. Essas questões dialogam com a psicologia social e a literatura pode ser uma excelente interlocutora para pensar e transformar realidades de exclusão.

Palavras-chaves: psicologia, territorialidade, raça e literatura.

**TITLE:** WE ARE ALSO THE LAND WE POPULATE: TERRITORIALITIES AND BLACK BODIES

**ABSTRACT**

This research aimed to analyze the intersectional relationship between race and territoriality present in works that won public notices from the State Secretariat of Culture of Alagoas (SECULT). From this, we sought to discuss how literature can contribute to the production of an anti-racist and intersectional psychology. After surveying and reading the winning works, 2 manifestos from the book “Os Meninos da Parte Alta” (2020) were selected, which addressed the analytical categories researched, namely, race and territoriality. Guiding questions related to the objectives of the study were used as an analytical strategy. The conclusion is that, in the work analyzed, the intersection between these two categories produces areas of vulnerability that affect access to leisure, cultural spaces and events, but these places never cease to produce art, intellectualized youth and happiness. Territoriality, in this sense, is articulated by criticism of the spatial organization of Maceió, involving a vibrant youth and areas of vulnerability. These issues dialogue with social psychology and literature can be an excellent interlocutor to think about and transform realities of exclusion.

Keywords: Literature, psychology, territoriality, race and art.

## **INTRODUÇÃO**

Somos cada vez mais convidados a refletir sobre as nossas práticas como estudantes e profissionais de psicologia. Durante anos, a psicologia voltou-se para o desvelamento do sujeito, entendendo-o como uma interioridade preexistente (Silva, 2019), privilegiando determinadas formas de investigar as subjetividades e a realidade. Não raras vezes, essas epistemes estiveram imbuídas de racionalidades que sustentavam uma compreensão de sujeitos e realidades tutelada pelo eurocentrismo, racismo, cientificismo e colonialismo (Viegas, 2019; Costa-Bernardino; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2020).

As práticas psicológicas embasadas nessas epistemes, em muitos casos, apresentam uma racionalidade vinculada a uma subjetividade normativa e excludente. Nesse sentido, segundo Achille Mbembe (2018), filósofo e historiador, “o pensamento europeu desenvolveu uma tendência de abordar o mundo e os outros na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro, ou ainda, em seu próprio espelho” (p. 11-12).

O pensamento psicológico, mais precisamente, as ciências psicológicas, nasceram e floresceram nesse contexto de desenvolvimento do colonialismo e da autoficção, em um território europeu (Mbembe, 2018). No artigo “Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta” (2019), Lucas Motta Veiga demonstra como a ciência psicológica foi colonizada por uma “branquitude-patriarcal-europeia” (p. 245), que não contempla em suas práticas as subjetividades não brancas. Sendo assim

Historicamente, a Psicologia brasileira posicionou-se como cúmplice do racismo, tendo produzido conhecimento que o legitimasse, validando cientificamente estereótipos infundados por meio de teorias eurocêntricas discriminatórias, inclusive por tomar por padrão uma realidade que não contempla a diversidade brasileira (Conselho Federal de Psicologia, 2017, p. 75)

Estas práticas tradicionais psicológicas engrenadas nessas epistemes excludentes, vinculadas ao desvelamento do sujeito, desenvolveram um aparato dicotômico separatista entre interior e exterioridade. Neste caso, a psicologia tem sido invocada para sustentar, pesquisar e tratar os processos e fenômenos da interioridade dos seus assistidos. O binômio interioridade/ exterioridade (Silva, 2019) foi um dos grandes responsáveis, ao nosso ver, para que as práticas psicológicas fossem reféns de diversas formas de exclusão e desumanização, como também de violências contra os seus assistidos.

Diante disso, torna-se urgente afirmar uma psicologia antirracista, interseccional, feminista e, sobretudo, crítica quanto às consequências das suas práticas e à produção de conhecimento. Para produzir uma psicologia crítica, adotaremos a política de aliança como estratégia. Essa política consiste em articular diversos agentes e atores sociais, a partir de lutas particulares, para realizar uma maior mobilização em torno de um objetivo comum. Compreendemos que a literatura pode ser uma aliada nesse processo de ruptura com a base racista e misógina da psicologia (Veiga, 2019), fomentando uma ciência psicológica comprometida com a produção de conhecimento sobre as subjetividades não brancas (Santos, Hüning, Silva, 2024).

Um exemplo disso é o trabalho da autora e ativista Conceição Evaristo em seu livro *Olhos d'Água* (2016), onde, por meio de contos, ela narra as experiências dos “condenados da terra” (Fanon, 2020) de maneira crítica e poética. Em conformidade com Collins:

tradicionalmente, a supressão das ideias de mulheres negras no interior de instituições sociais controladas por homens brancos levou as mulheres afro-americanas a usar a música, a literatura [itálico nosso], as conversas e os comportamentos do cotidiano como espaços importantes na construção de uma consciência feminista negra (Collins, 2020, p. 140)

Assim, a arte emerge como aliada na produção de saberes antirracistas, pois transforma experiências antes marginalizadas por epistemes arrogantes e racistas (Santos, 2002) em fontes de conhecimento. A literatura, ao longo da história, tem sido apropriada por diversos autores e autoras negras como um espaço de resistência e reinvenção (Amaro, 2023). Nesse sentido, este trabalho analisou como a literatura alagoana pode ser uma aliada na construção de uma psicologia antirracista e interseccional a partir da sua abordagem das categorias analíticas raça e territorialidade. Os materiais de análises de pesquisas são obras literárias vencedoras de editais da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, eles visam incentivar e fomentar autores e autoras que produzem literatura no Estado de Alagoas.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

### **ANDANÇA PELA CIDADE: DA SECULT À GRACILIANO RAMOS**

Para a análise deste trabalho, foram selecionadas obras literárias premiadas em editais da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa de Alagoas (SECULT). Esses editais têm como objetivo fomentar a produção literária no estado, englobando uma diversidade de gêneros, como cordel e crônica. A escolha da SECULT como fonte principal de materiais se justifica por ser um órgão com abrangência estadual, capaz de centralizar informações e apoiar produções locais, o que oferece um panorama significativo da literatura contemporânea alagoana. Além disso, as obras selecionadas, como as do Prêmio Diversidade Literária (2020), estão disponíveis ao público na Biblioteca Graciliano Ramos, facilitando o acesso à pesquisa.

Os editais utilizados nesta pesquisa foram: Concurso de Poesia Jorge de Lima (2018, 2019, 2020, 2022), Concurso de Contos Heliônia Ceres (2018, 2019, 2022), Concurso de Crônicas Ivone dos Santos (2018, 2019, 2022), Concurso de Poesia de Cordel (2019, 2022), Concurso de Literatura Infantil (2019, 2022), e o Prêmio Diversidade Literária (2020)<sup>1</sup>. O recorte temporal de cinco anos (2018-2022) foi escolhido para garantir a contemporaneidade das obras analisadas, mantendo um número viável para análise aprofundada.

A busca inicial foi feita no site da SECULT, onde foram levantados os títulos das obras, nomes dos autores e ano de premiação. A partir disso, criamos uma lista preliminar das obras

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://acervo.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos>. Acesso em: 07/04/2023.

vencedoras e menções honrosas de cada concurso. Esse processo inicial teve como objetivo compilar obras que, além de premiadas, estivessem potencialmente alinhadas com as categorias analíticas deste trabalho: raça e territorialidade.

Com essa lista em mãos, realizamos uma visita à Secretaria de Estado da Cultura para solicitar os exemplares. Descobrimos, porém, que as obras não estavam mais sendo publicadas fisicamente nas revistas, prática interrompida durante a pandemia de Covid-19. Conseguimos acessar apenas as revistas anteriores a 2022 que estavam arquivadas na Secretaria.

Além disso, como a SECULT não é responsável pelo armazenamento das obras vencedoras do Prêmio Diversidade Literária (2020), nos dirigimos à Biblioteca Graciliano Ramos, onde muitas dessas obras estavam disponíveis. Entretanto, notamos a ausência de alguns materiais vencedores, evidenciando a fragilidade no acesso público a essas produções.

Todas as obras pré-selecionadas foram lidas integralmente. A estratégia de leitura incluiu a análise de títulos, sinopses e prefácios, com o objetivo de identificar quais delas abordaram, direta ou indiretamente, as categorias analíticas de interesse. Os critérios de inclusão consistiram na disponibilidade das obras, sua relevância para a discussão sobre psicologia antirracista e interseccional, e a abordagem das temáticas pesquisadas.

## COM AS OBRAS EM MÃO

Com as obras em mão, foi realizado uma transcrição e uma digitalização das obras para uma pasta no Drive objetivando uma organização dos materiais e facilitar o acesso. As obras que foram lidas na pré-seleção constam no Quadro 1.

Quadro 1- Obras selecionadas e lidas.

Colocação	Edital	Obra	Autor	Observação
	Prêmio de Diversidade Literárias (2020).	PRETOVÍRGULA	Lucas Litrento	Livro de poesia, n° de poemas são 28. Não foi possível encontrar as categorias analisadas. Por isso, a obra não foi selecionada.

	Prêmio de Diversidade Literárias (2020).	Mares de lagoas e rios	Roger Aureliano	Livro de poesia e contos. A obra é voltada para uma descrição subjetiva dos locais alagoanos. Não foi possível encontrar referência às categorias pesquisadas.
	Prêmio de Diversidade Literárias (2020).	Os Meninos da Parte Alta	Madson Costa	Livro de poesia e manifestos. Foram selecionados dois manifestos do livro que abordam as categorias pesquisadas.
1°	No Concurso de poesia Jorge de Lima III	Cartão-Postal do meu lugar	Renata Lourine Moreira da Silva	Poesia que aborda a cidade e as suas transformações. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas.
2°	No Concurso de poesia Jorge de Lima III	Como é difícil escrever um poema em Rio Largo	Felipe Benício De Lima	Poesia sobre como é difícil escrever um poema em Rio Largo. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
3°	No Concurso de poesia Jorge de Lima III	O homem busca	Natália Agra Carneiro	Poema aborda que dimensão ontológica. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Concurso de poesia Jorge de Lima IV	Agreste	Arenato da Silva	Poema sobre o silêncio no agreste. Não foi selecionado.

2°	Concurso de poesia Jorge de Lima IV	Prólogo de como amar na escuridão	Jean Albuquerque	A poesia aborda como amar na escuridão. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
3°	Concurso de poesia Jorge de Lima IV	Homem na praia de Ponta Verde	Lucas Litrento	Descrição de um homem na praia de Ponta Verde. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Concurso de poesia Jorge de Lima IV	Abóbora	Sara Albuquerque	Poesia sobre voltar para casa. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Contos Heliônia Ceres III	Vigário de João	Natália Agra	História triste sobre João. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
2°	Contos Heliônia Ceres III	O navio grande	Helena de Arroxelas Costa	Conto sobre a chegada de um grande navio. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
3°	Contos Heliônia Ceres III	O marinheiro	Lucas Santos Barbosa	Conto sobre história(s) que o seu pai contava. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas

1°	Contos Heliônia Ceres IV	Entre nós	Natália Agra	Conto sobre estar no quarto. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Concurso de crônicas Ivone dos Santos III	Contagem regressiva	Maria das Graças Silva Monteiro.	Crônica sobre a chegada de um novo ano. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
2°	Concurso de crônicas Ivone dos Santos III	Ônibus	Lucas Litrento	A crônica é sobre ônibus. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
3°	Concurso de crônicas Ivone dos Santos III	A chacina das árvores	Adélia Magalhães	Crônica acerca da chacina das árvores. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Concurso de crônicas Ivone dos Santos IV	Quando uma onda desmaia	Tatiane Magalhães Florêncio	Crônica sobre como falar tem semelhança com andar descalço. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
1°	Literatura Infantil	Cidinha e a Jandaia	Adélia Magalhães	Sobre Cidinha e a Jandaia. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas

1º	I Concurso de Poesia e Cordel	A história de Zé Salgado O Vaqueiro que cagou em cima da sela	Damião Barros dos Santos	Cordel sobre o vaqueiro. Não foi selecionado, devido à ausência das categorias pesquisadas
----	-------------------------------	---	--------------------------	--

Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

## DISCUSSÃO

A experiência da diáspora africana, advinda do comércio de escravos no Atlântico, traz como marca o território. O território, nesse sentido, é um aspecto tão presente na vida das pessoas negras que Souza (2008) articula a diáspora africana como um sentimento de solidão decorrente da espoliação do seu habitat na África.

Em um sentido mais amplo, o próprio colonialismo foi um processo que teve o território como tópico central, seja pela busca de “expropriar” novas terras, seja pela missão (des)civilizadora (Césaire, 2020). Como explica Bona (2020, p. 76), “a colonização é geografia em sentido literal: marcação e modelagem de uma terra “pagã”, percebida como oca de sentido, como um nada”. Nesse sentido, é importante evidenciar a articulação entre raça e territorialidade.

Fanon (2022) nos lembra que o sistema colonial para ter sucesso no seu empreendimento precisou racializar, como também hierarquizar as vidas, e dividir o mundo, metrópole e colônia, colonizado e colono, negro e branco e homem e mulher. Uma série de binarismos maniqueístas valorativos sobre as experiências humanas, nos quais as vivências europeias estariam no topo (Frantz, 2020), como também os seus territórios, que Achille Mbembe denominou como fechamento do pensamento mundo (Santos, 2018).

O sistema colonial cindiu o mundo em partes, legando às populações autóctones e escravizadas um lugar de subalternização como estratégias de manutenção dos seus privilégios (Bento, 2022) e a vida dessas pessoas como mercadorias. Nesse sentido, o território torna-se um aspecto central em estudos decoloniais (Ferdinand, 2022), pois entendê-lo como fruto das relações de poder situadas pela história dos atores sociais na territorialização dos espaços geográficos (Martins e Chagas, 2021) evidencia o colonialismo inaugurado como uma nova política de habitar e de viver o mundo (Ferdinand, 2022).

Isso nos faz refletir sobre como aconteceu a ocupação dos espaços geográficos no Brasil, pelos atores e agentes sociais, principalmente para a população negra após a abolição da escravatura. Dessa forma:

“ao negar as medidas de cuidados básicos em saúde, educação e moradia para a população negra após a abolição da escravidão, deixando pessoas escravizadas recém libertas e suas famílias sem nenhum tipo de recurso vindo da colônia e fazendo consequentemente, com que fossem obrigadas a recorrer às táticas informais de sobrevivência – que incluem a formação de favelas e a submissão à exploração do corpo para o trabalho pela venda de mão de obra barata –, o governo e as elites dirigentes do Brasil determinaram a distribuição desigual e irregular de pessoas negras e pobres no território, no que diz respeito ao uso do solo, aos padrões habitacionais, ao desenvolvimento de infraestrutura e à exposição a riscos ambientais” (Rocha e Hüning, 2020, p.156).

Ou seja, o Estado perpetuou uma política de morte para a população negra, pela falta de política de integração, pela negação de ter uma terra pela lei de terras (Bento, 2022) e pela política de embranquecimento da população brasileira com o incentivo da vinda de europeus para o território brasileiro visando embranquecer a nação, vista como um processo de civilizar e de progresso da população brasileira (Schucman, 2014).

Nesses termos, a experiência do sujeito racial (Achille, 2018) é indissolúvel do território, seja pelas consequências da Diáspora africana, pelo processo de ocupação das terras brasileiras ou pelas políticas institucionais que negaram acesso à apropriação de terra no pós-abolição. Dessa forma, segundo Haesbaert (2004, p. 20) “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade, sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, “territorial”.

Nesse sentido torna-se necessário pensar como ocorreu a ocupação territorial de Alagoas. No livro “Formação histórica de Alagoas” do professor universitário Cícero Péricles concluímos que o processo de ocupação territorial de Alagoas foi marcado pelo sistema colonial, que esteve pautado pela expropriação, primeiro do pau-brasil, e posteriormente pela produção de açúcar e pela pecuária. Este processo teve como metodologia, de colonização, as lutas entre portugueses, franceses, indígenas e holandeses, que resultaram em um extermínio dos caetés e na introdução da mão de obra africana nos engenhos (Brandão, 2022).

O historiador alagoano, Alfredo Brandão na sua obra “Os negros na história de Alagoas (2023)”, traz dois achados sobre a presença negra em Alagoas, a primeira é que “por Alagoas ter pertencido à Capitania de Pernambuco, é natural supor-se que o aparecimento do negro aqui date

do começo da colonização” (Brandão, 2023, p. 31). A segunda é que “podemos concluir que o primeiro negro apareceu em Alagoas quase com o primeiro branco (Brandão, p. 31, 2023).

Mas, apesar da presença negra em Alagoas estar situada no mesmo momento da introdução do branco, os seus destinos dentro do estado de Alagoas, e no Brasil, teriam caminhos distintos, principalmente, pós-abolição. No livro, de Jeferson Santos da Silva, “O que restou é folclore (2018)”, o autor argumenta que as classes dominantes, economicamente e intelectualmente do estado de Alagoas tiveram um projeto de civilização, para o estado, que consistiu no desaparecimento do negro do seu território. Mais precisamente, o meio intelectual de Alagoas usou como estratégia de apagamento dos negros no Estado a sua existência vinculada exclusivamente ao passado, uma gramática verbal do passado. Em Alagoas, como também no Brasil, o negro deveria desaparecer para sempre do seu território, pois eles, não seres (Fanon, 2020), eram vistos como um atraso para o desenvolvimento nacional. O lugar por excelência do negro é no passado, mais precisamente na escravidão (Silva, 2018).

No livro já citado de Alfredo Brandão, o autor afirma que “o negro, em Alagoas, foi um dos maiores elementos de civilização. Ele aparece na zona da mata, a laborar no eito; aparece no sertão a tanger o gado; aparece nas vilas e nas cidades, ora trabalhos domésticos, ora como pedreiro, a construir casa, ora como ferreiro (Brandão, 2023, p. 69)”. No entanto, o autor utiliza, em todo o seu livro, uma linguagem que vincula as contribuições dos negros ao processo de territorialização colonial, no passado, não as suas contribuições no pós-abolição (Silva, 2018).

Cícero Péricles, no livro já citado, “Formação histórica de Alagoas (2021)” traz dois capítulos para falar sobre “a contribuição” dos negros para a formação do Estado de Alagoas, a saber, o Quilombo dos Palmares e a abolição.<sup>2</sup> O que este autor está a fazer, é o que estamos a chamar, a partir do conceito de Jeferson Santos da Silva, de aprisionamento do negro ao passado (Silva, 2018). Ou seja, o negro em Alagoas ficou fixado no passado, sendo assim, não há como escrever ou falar sobre ele ou das suas contribuições na contemporaneidade, porque ele não existe. Neste sentido, nossa pesquisa ganha outro contorno, a evidenciação da presença negra no Estado, e mais precisamente, na literatura.

Ao citar a obra de Cícero Péricles, estamos buscando demonstrar que “a contribuições dos afro-latinos e dos escravos negros para o desenvolvimento histórico da América do Sul acabou sendo, se não apagada, pelo menos severamente ocultada (Mbembe, 2018, p. 37)”. Há de um lado,

---

<sup>2</sup> O capítulo Quilombo dos Palmares e Abolição.

um aprisionamento do negro no passado (Silva, 2018) e do outro um ocultamento das suas contribuições na históricas (Mbembe, 2018) para o desenvolvimento regional, nacional e internacional.

O que tanto o livro de Cícero Péricles (2021), como de Alfredo Brandão (2023) deixam claro é que o território alagoano foi construído através da mão de obra escrava, e que apesar deste fato, alguns autores alagoanos desejaram o seu desaparecimento (Silva, 2018), ou mais especificamente, decretaram seu extermínio, seja pelo processo de embranquecimento, seja pelo mito da democracia racial no Brasil, pela miscigenação ou pela gramática no passado para falar sobre as suas contribuições.

Nesse contexto de miscigenação, Dirceu Lindoso comentou que “em Palmares, o povo brasileiro se tornou mestiço. Essa beleza de ter criado o mulato. Foi em Palmares que os brancos lusitanos e flamengos se tornaram morenos” (Lindoso, 2019, p. 40). Talvez, o grande pensador maragogiense, faça alusão ao extermínio promovido pela Coroa Portuguesa, nesse sentido, segundo Carvalho (2021, p. 105), “o esforço era local, mas o governo português garantia “terras para as suas culturas, negros para o seu serviço, honra para sua estimação” aos que destruíssem os Palmares”.

Essa, breve, contextualização sobre os corpos negros e Alagoas faz-se necessário para que possamos situá-los dentro de uma determinada história e de um território. Não há como pesquisar sobre corpos negros sem situar dentro de um território (Haesbaert, 2004). O território pode ser compreendido “com base em várias dimensões, englobando aspectos econômicos, políticos, culturais e naturais (E-P-C-N), que estão intimamente ligados (Picheth; Chagas, 2018)”, sendo constitutivo dele a territorialidade e a territorialização (Haesbaert, 2004).

No livro “O mito da desterritorialização (2004)” de autoria de Rogério Haesbaert existe uma síntese das noções de território que foram agrupadas, pelo autor, em 4 vertentes básicas, a saber, política ou jurídico-política, culturalista, econômica e naturalista. Na primeira, o território é “visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - não exclusivamente - relacionado ao poder do Estado” (Haesbaert, 2004, p. 40).

Na sua vertente culturalista “o território é visto, sobretudo, como produto de apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (Haesbaert, 2004, p. 40). Por sua vez, na econômica, o território é visto “como fonte de recursos e/ou incorporado no embate

entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo” (Haesbaert, 2004, p. 40). Por fim, a naturalista no qual o território é visto “com base nas relações entre sociedade e natureza, especialmente no que se refere ao comportamento “natural” dos homens em relação ao seu ambiente físico” (Haesbaert, 2004, p. 40).

O enfoque, ou mais especificamente, a vertente a que esta pesquisa está vinculada é a culturalista de orientação psicológica, “e a Psicologia, finalmente, incorpora-o [território] no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-a até a escala do indivíduo” (Haesbaert, 2004, p. 37). Isso não significa que não entendemos a importância das outras vertentes, ou que elas não exercem influências nessa pesquisa, mas apenas por questões teóricas e metodológicas salientamos os caminhos teóricos adotados.

O conceito de territorialidade é central nessa pesquisa, ele é entendido como uma ação de apropriação de um determinado espaço por um indivíduo ou um coletivo que desenvolvem, em relação a um objeto(s) ou símbolo(s), uma relação de pertencimento (Picheth; Chagas, 2018). Nesse sentido, segundo Haesbaert (2007, p.22), territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também, às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligado ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significados ao lugar.

Em conformidade com Yasui, Luizo e Amarante (2018, p. 180) “os modos de ocupar a cidade, os modos de habitar, têm efeitos na produção das subjetividades”. Ou seja, ocupar um território, viver em um território é estabelecer uma relação de povoamento e tem implicação nas subjetividades. O processo de povoamento (territorialização) consiste em ocupar um lugar, mas também ser povoado por aspectos climáticos, culturais, regionais e históricos, em síntese, pelos processos de subjetivações, seja pelos motivos da territorialização deste espaço habitado, ou pelos dispositivos de saúde, educação e moradia que estão presentes, ou pelas políticas de Estado que são realizadas ou não nesse ambiente.

Visando compreender as experiências das pessoas racializadas com os territórios que elas estão inseridas torna-se essencial problematizar quais os meios disponíveis que elas têm, tiveram, para relatar sobre as suas realidades. Nesse sentido, de acordo com Patrícia Hill Collins (2020, p. 140), “instituições sociais controladas por homens brancos levaram as mulheres afro-americanas a usar a música, a literatura, as conversas e os comportamentos do cotidiano como espaços importantes na construção de uma consciência feminista negra”.

A literatura emerge como fonte de conhecimento, mas também como uma maneira de tratar as feridas deixadas pelo colonialismo (Sant'Anna Júnior, 2021). Para além de contar histórias fictícias ou reais, a literatura é uma ferramenta de produção de conhecimento acerca das relações, da sociedade e das territorialidades.

A autora e ativista Conceição Evaristo em seu livro “Olhos d’água (2016)” traz contos para relatar e narrar as experiências dos condenados da terra (Fanon, 2020), de forma crítica e poética. No livro, a literatura aborda a pobreza e a violência urbana que acometem a população negra brasileira, sem meias palavras, com uma escrita que faz sangrar para curar as feridas coloniais acarretadas pelo terror colonial (Achille, 2018). Neste livro, a autora vai apontar como a experiência do sujeito racial está vinculada ao território através da violência perpétua do Estado contra os corpos negros que habitam em favelas, como o extermínio da população negra está a acontecer em espaços marginalizados e bairros pauperizados, como também, as discriminações em espaços públicos e elitistas.

Nesse sentido, de acordo com Milton Santos (2021, p. 95), “os atores sociais mais poderosos reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros”. Todos estes processos atravessam o sentimento de pertencimento, e por consequência, a territorialidade (Haesbaert, 2004). Esta pesquisa vincula-se a um projeto decolonial de saber, no qual não há uma verdade a ser descoberta, mas uma realidade móvel a ser entendida nas suas dimensões culturais, sociais, territoriais e históricas. Nesse sentido, a literatura aparece como um meio de compreender o que está acontecendo nessas dimensões, bem como de situar-se como um dispositivo discursivo sobre as categorias analíticas pesquisadas. As obras não são apenas estéticas, mas também um documento da realidade, sendo assim, uma forma legítima de produzir e reproduzir discursos presentes dentro de uma determinada região.

## **DEU NO QUÊ?**

Após a leitura de todos os materiais, seguindo os critérios estabelecidos, foram selecionados 2 manifestos do livro “Os meninos da Parte Alta” que são, a saber: “Manifesto Parte Alta” e “Onde estão os negros? (Costa, 2020)”. Os manifestos trazem referências à interseção entre raça e territorialidade, diferentemente das outras obras, em que muitas não tinham uma referência racial, apenas descrições sobre lugares do estado ou citações como, “a felicidade veio dormiu,

dançou samba, na Tia Preta” (Aureliano, 2021, p. 11). Interpretamos isso como uma dificuldade sócio-histórica de racializar os personagens pelo entendimento de que raça não é um aspecto importante, ou pela dificuldade dos autores e autoras se reconhecerem como pertencentes a um grupo racial, fenômeno acarretado pelos desdobramentos do mito da democracia racial no Estado de Alagoas (Silva, 2017; Bento, 2022; Meireles, J. et. al, 2019).

Em nosso Estado, como também no cenário nacional, ocorreu uma difusão de que no Brasil teria uma democracia racial, na qual impera uma harmonização racial entre os diversos grupos racializados, ou mais precisamente, em nosso território brasileiro não existe negro, nem branco e tampouco indígena, seríamos todos brasileiros. No livro “O que restou é folclore” de Jeferson Santos, podemos observar como em Alagoas aconteceu uma redução da história negra a uma fixação dos seus feitos ao passado, mais precisamente, a escravidão e a abolição.

O discurso da democracia racial imperava no cenário intelectual alagoano, no século XX, (Silva, 2017), ou seja, a ideia de que não existe discriminação racial, enquanto diversos autores, tais como Graciliano Ramos e Arthur Ramos, desenvolviam um discurso pitoresco e depreciativo dos negros. Ao nosso ver, este silêncio racial nas poesias traz marca deste tempo. No entanto, vale destacar que nas obras “Pretovírgula (Litrento, 2023)” e “Mares de lagoas e rios (5)<sup>5</sup>(Aureliano, 2021)” existe referência à cultura negra, como também, uma valorização da oralidade e manifestações culturais. Por coincidência ou não, ambos os autores são negros.

### **Os meninos e a Parte Alta.**

No livro “Os Meninos da Parte Alta” iremos observar uma apropriação da intelectualidade periférica e dos espaços geográficos luminosos e escuros da cidade (Scisleski e Hüning, 2016) de Maceió na construção de uma narrativa territorial. Pode-se observar tais características no seguinte trecho

Ela [parte alta de Maceió] produz incessantemente novos talentos e artes, ela surge como polo central de novos artistas e intelectuais renegados pela oligarquia monopolista do capital e tomadas pela falta de condições materiais e existenciais. Ela engendra a maior parte da produção cultural maceioense. A P. Baixa melindra a arte suburbana marginalizada, que floresce pelas ruas, becos e vielas dos bairros esquecidos de nossa Maceió (Costa, 2020, p. 31).

Neste sentido, Maceió, para o autor, tem uma linha divisória que separa dois tipos de pessoas, ou em termos, fanonianos, “zona habitada pelos colonizadores” e “zona habitada pelos colonos” (Fanon, 2022, p. 35). O pensador martinicano (2022) demonstrou como o racismo opera através de cisão espacial, zonas, cidades destinadas para os colonos e colonizadores. Há uma diferença tanto qualitativa como quantitativa nessas duas zonas, “de um lado, estavam as zonas dos colonos europeus: iluminadas, protegidas e bem nutridas. De outro, as áreas destinadas aos colonizados, presididas pelo terror e pela barbárie” (Silva, 2019, p.19).

O Estado de Alagoas teve como processo de invasão territorial, no período colonial, a extração de pau-brasil, e posteriormente, a cana-de-açúcar e a pecuária (Carvalho, 2021). Dentro do processo de extração dos recursos naturais do Estado de Alagoas, podemos apontar que “no plano social a cana-de-açúcar “formou uma sociedade hierarquizada, de castas, escravista, senhorial, de traços feudais, que influencia as nossas vidas até hoje” (Carvalho, 2021, p. 50).

Este passado colonial, principalmente, de acumulação de riquezas, traz implicações nas nossas vidas até hoje (Carvalho, 2021), tendo em vista a cisão geográfica e social presente no Estado e na cidade de Maceió. Acerca disso, no manifesto Parte Alta, Costa (2020, p. 61) afirma “a Parte Alta está na dicotomia entre subúrbio - casebre de pobres, que perdem a si mesmo em seu trabalho diário - e Ponta Verde - palácio feito de mortes e escravidão, onde ricos aristocratas descansam sem sua consciência de classe”.

O que está em jogo, entre as duas partes, é uma divisão geográfica trazida pelo processo colonizador de Alagoas, que mesmo depois do fim do colonialismo ainda está vigente, como também, no seu funcionamento de legar escuridão para alguns e luzes para outros (Silva, 2019; Scisleski e Hüning, 2016). Efetivamente, pode-se situar as duas realidades em distintos bairros e localizações da cidade, pois, dentro da própria Parte Baixa de Maceió existem espaços geográficos marginalizados, como aqueles da cultura sururu (Bezerra, 2019).

Um aspecto importante no livro “Os meninos da Parte Alta” (Costa, 2020) é a apropriação da juventude periférica do elemento territorial. Essa apropriação traz dois lados, primeiro, de uma denúncia, e posteriormente, de uma valorização das capacidades intelectual e criativa dessa juventude. Neste sentido, segundo Costa (2020, p. 60), “O manifesto Parte Alta é, sobretudo, uma

crítica aguda à estrutura social do capitalismo contemporâneo e a exploração do homem sobre o homem... É a autoafirmação de uma intelectualidade poética e jovem dos subúrbios maceioenses”.

A correspondência entre a juventude e a Parte Alta é articulada através do processo de marginalização dos seus corpos, ou seja, existe o reconhecimento da dimensão econômica (Haesbaert, 2004) na constituição do território, como também, de uma racialização dessas zonas. Pode-se perceber esta articulação no seguinte trecho:

Na arte e literatura, a branquitude é hegemônica. Eles, brancos da Parte Baixa maceioense, parecem querer manter o apartheid sociocultural. Sim, tanto a literatura quanto a arte ainda são espaços brancos, não permitidos aos que fogem do arquétipo do ser-artista. O ser-artista, aquele caracterizado pelos traços estéticos dos antigos colonizadores e residentes de zonas nobres (Costa, 2020, p. 65).

Madson Costa (2020) destaca a relevância da raça na divisão territorial de Maceió, especificamente entre a Parte Alta e a Parte Baixa da cidade. Essa divisão não é acidental, no manifesto intitulado “Onde estão os negros?” podemos observar as imbricações entre território, classe e raça e como elas se entrelaçam para perpetuar o “apartheid sociocultural” em Maceió (Costa, 2020, p. 65)."

Outro ponto interessante no manifesto “Onde estão os negros” é a crítica à epidermização (Fanon, 2020) destes corpos como organicamente violentos. Falando sobre juventude e guerra nas periferias, “a simbologia dessa cultura [negra] para eles [classe dirigente de Alagoas] é, nada mais que, a violência que nos tenta cercar organicamente, ou a cultura massificada” (Costa, 2020, p. 65). O ponto central consiste em não se atentar para os processos de exclusão e marginalização sofridos pela juventude, mas centralizar em uma análise que leva em consideração apenas os efeitos deste processo de negação de direitos. Para o autor, “a Parte Alta existe e nela surge uma juventude com sede de revolta e revolução, que não se calará em face à exclusão. Eles terão que olhar para cima” (Costa, 2020, p. 66). A denúncia é pela negação dos direitos e acesso, principalmente, ao lazer e à cultura. No manifesto “Onde estão os negros?”, o autor deixa claro que “O subúrbio precisa de um “Teatro Deodoro” ou um “Cine Arte Pajuçara” [e] também” (Costa, 2020, p. 66).

Em Costa (2020) a juventude está calcada numa territorialidade pulsante e na Parte Alta de Maceió marginalizada. O território, na obra, aparece como um lugar de exclusão social

entrelaçando o passado colonial do Estado de Alagoas, com os dispositivos de marginalização e de racialização, no entanto, o território também consiste em um lugar de felicidade e resistência política e cultural. Em nosso entendimento, uma estratégia de desvincular as experiências dos sujeitos e sujeitas afrodiaspóricos exclusivamente do sofrimento e da dor.

No poema “Os meninos da Parte Alta: os meninos riem, choram e jogam” (Costa, 2020, p. 23). Entendemos que existe uma referência a que estes meninos e meninas choram pela negação e discriminação que sofrem, mas jogam nos espaços que eles e elas desenvolveram para o seu lazer, como também riem, em um nítido símbolo de que mesmo com todos os sofrimentos, estes lugares produzem felicidade.

Por fim, Madson Costa (2020) usa da literatura alagoana e contemporânea para relatar os mecanismos do racismo ambiental e da exclusão de corpos pauperizados no território, e como o território é marcado pela disputa dos atores sociais. A abordagem feita por Madson Costa sobre os territórios da capital alagoana converge para o que afirma Milton Santos (2021, p. 95), “os atores sociais mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros”. Todos estes processos atravessam o sentimento de pertencimento, e por consequência, a territorialidade (Haesbaert, 2004) e a possibilidade de existência, que sempre será marcada também pela raça.

## **CONCLUSÃO**

Neste trabalho conseguimos mostrar como a literatura pode pautar discussões relacionadas com questões de territorialidade e raça. Nesse contexto, a literatura não é apenas um meio de reunir materiais, mas também uma forma de unir arte e ciência. Como vimos, a arte foi o meio que as pessoas racializadas encontraram para retratar e narrar as suas dores e felicidade (Collins, 2020).

Nossa análise indica que o binarismo entre interior e exterior está presente em várias epistemologias do pensamento psicológico tradicional, que buscam revelar o sujeito sem considerar que este é moldado pelas relações sociais que o cercam. Os meninos da Parte Alta são moldados por diversas políticas e suas lacunas, e não por uma subjetividade preexistente. Eles são subjetivados pela ausência de espaços destinados ao lazer, pela segregação socioespacial, pela discriminação racial, pela falta de oportunidades, pelos ônibus lotados e pelas duas horas de transporte público necessárias para chegar à praia.

Elas e eles desejam superar as barreiras impostas pelo passado colonial e pela acumulação de riquezas. São “uma juventude com sede de revolta e revolução, que não se calará diante da exclusão” (Costa, 2020, p. 66). É urgente que a psicologia reconheça que o atendimento individualizado não é suficiente para atender às necessidades dessa juventude, nem para resolver problemas como a discriminação racial, de gênero e outras formas de exclusão.

Não será apenas a criação de uma disciplina obrigatória que eliminará o racismo institucional. A nosso ver, a obra analisada nos oferece uma compreensão do antirracismo que difere daquela frequentemente abordada em nossas universidades. O antirracismo presente nesta obra aponta para uma luta ampla contra o racismo, que é estrutural nas nossas relações sociais. Sua erradicação envolve um processo de reestruturação das condições para os meninos da Parte Alta, passando pela reorganização urbana, democratização do acesso ao lazer e à cultura

Por fim, com esta pesquisa, desejamos nos aproximar do que está sendo produzido fora dos muros das universidades. Ao investigar essas duas categorias analíticas, buscamos demonstrar como o racismo é um aspecto estruturante do sistema mundial contemporâneo, presente na organização das cidades, no sentimento de pertencimento, e nas práticas discursivas e discriminatórias.

## REFERÊNCIAS

AMARO, VAGNER DA ROSA. *Vidas negras, vidas literárias (1978-2020)*. 2023, f. 201. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, 2023.

AURELIANO, Roger Henrique Santos. *Mares de lagoas e rios/ Roger Henrique Santos Aureliano*- 1 ed. Maceió. 2021.

BENTO, CIDA. **O pacto da branquitude**/ Cida Bento. - 1º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BONA, Dénétém Touam. *Cosmopoéticas do refúgio/ Dénétém Touam Bona: tradução Milena P. Duchiate*. Florianópolis, SC. Cultura e Barbárie, 2020.

BRANDÃO, ALFREDO. **Os negros na história de Alagoas**/ Alfredo Brandão. 3° ed. - Maceió, AL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, EDUFAL, 2023.

CARVALHO, CÍCERO PÉRICLES DE. **Formação histórica de Alagoas**/ Cícero Péricles de Carvalho. - 6° ed. Maceió, AL: EDUFAL, 2021.

Césaire, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**/ Aimé Césaire. Tradução de Claudio Willer. Ilustrações de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos, - São Paulo> Veneta, 2020.

COLLINS HILL, Patrícia. Epistemologia feminista negra. In: Costa-Bernardino, Joaze; Maldonado-Torres, Nelson; Grosfoguel, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**, 2020, p. 139- 170.

Conselho Federal de Psicologia. (2017). **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília: CFP.

COSTA, Madson. **Os Meninos da Parte Alta**/ Madson Costa. Delmiro Gouveia: Edições Parresia, 2020. v.

COSTA, Madson. Quem se incomodou com o luau na orla. Disponível em: <https://www.revistaalagoana.com/post/quem-se-incomodou-com-o-luau-na-orla?fbclid=IwAR30ICS08JZih8Dp2RAnHJKGGm-ZwDJZhU0NVHQQpfHUnyQRCqVBVknAeU>. Acesso em 15 out. de 2023.

COSTA, ROGÉRIO H. **O mito da desterritorialização: do “fim” dos territórios” à multiterritorialidade**/ Rogério H. Costa. - 13° ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

COSTA-BERNARDINO, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. Introdução: **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. In: Costa-Bernardino, Joaze; Maldonado-Torres, Nelson; Grosfoguel, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**, 2020, p. 09- 26.

Evaristo, Conceição **Olhos d'água** / Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.

FANON, Frantz, 1925- 1961. **Pele negra, máscaras brancas**. Título original: Peau noire, masques blancs; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba, posfácio de Deivson Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. –1º ed. –Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LITRENTO, LUCAS. PRETOVÍRGULA/ Lucas Litrento - São Paulo. Círculo de poemas.2023.  
MARTINS, MATEUS PIRES; CHAGAS, PRISCILLA BORGONHONI. TERRITÓRIO, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE: PROPOSTA DE AVANÇO DE CHAVES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DA(S) DINÂMICA(S) DAS CIDADES. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté, SP, v. 17, N. 2, mai-ago/2021. ISSN: 1809-239X.  
MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Traduzido por Sebastião Nascimento. - São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEIRELES, J. et. al. Psicólogas brancas e relações étnico-raciais: em busca de formação crítica sobre a branquitude. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 14(3), São João del-Rei, julho-setembro de 2019.

MOTTA, L. et al... Fora do crime no ‘mundo do crime’: Experiências juvenis em meio à guerra em periferias de Maceió e Belo Horizonte. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, n. spe4, p. 387–414, 2022.

PICHETH, S. F.; CHAGAS, P. B.. Interfaces entre territorialidade e identidade: analisando as vivências das mães do Grupo Maternati. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 4, p. 788–801, out. 2018.

ROCHA, Alisson Santos da; HÜNING, Simone Maria. Montagens textuais-imagéticas na pesquisa sobre territorialidades e racismo ambiental. In: Bernardes, Anita Guazzelli; Marques,

Camilla Fernandes; Guareschi, Neuza Maria Fatima; Baigorrotegui, Gloria; Castillo-Sepúlveda, Jorge & Maciel, Josemar de Campos. **Enfrentamentos de violências: algumas estratégias de conhecimento, de corpos, territórios e hospitalidades**, 2020, p. 152 -165

SANT'ANNA JÚNIOR, Ademiel de. EXERCÍCIOS DE ATREVIVÊNCIA. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/237435>. Acesso em: 9 abr. 2023

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, MILTON. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**/ Milton Santos. - 32° ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SANTOS, S. H. L. C. ; HÜNING, SIMONE MARIA ; SILVA, A. K. . INTERPELAÇÕES E REVERBERAÇÕES DA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO PARA UMA PSICOLOGIA ENCARNADA. In: Esmael Alves de Oliveira, ;Conrado Neves Sathler. (Org.). Por entre sangue, pus e suor : nas tessituras de uma psicologia encarnada. 1ed.São Paulo: Devires, 2024, v. 1, p. 153-170

Schucman, L. V.. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 83–94. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>

SCISLESKI, A. C. C.; HÜNING, S. M. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis / Images of the darkness: reflections on invisible subjectivities. *Revista Polis e Psique*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 8–27, 2016. DOI: 10.22456/2238-152X.61374. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61374>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, JEFERSON SANTOS DA. **O que restou é folclore: O negro na historiografia alagoana**/ Jeferson Santos da Silva. Maceió, AL: Fapeal, Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

SILVA, Leonardo Santos Aguiar da. Revitalização urbana: uma questão (também) de raça. 2019. f. 104 Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

Souza, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 4 set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2023.

YASUI, SILVIO; LUZIO, CRISTINA AMÉLIA; AMARANTE, PAULO. Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território **Rev. Polis e Psique**, ; 8(1): 173 – 190, out. 2018.